



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I –CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA**

JEFFERSON JOSÉ SOARES DA SILVA

O AMOR SEXUAL NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

CAMPINA GRANDE

2023

JEFFERSON JOSÉ SOARES DA SILVA

O AMOR SEXUAL NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Filosofia.

Orientadora: Prof [a] . Dra. Gilmara Coutinho Pereira

CAMPINA GRANDE

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Jefferson Jose Soares da.
O amor sexual na filosofia de Arthur Schopenhauer
[manuscrito] / Jefferson Jose Soares da Silva. - 2023.
21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Gilmara Coutinho Pereira ,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC. "

1. Amor sexual. 2. Sexualidade. 3. Sociedade contemporânea. 4. Reprodução humana. I. Título

21. ed. CDD 193

JEFFERSON JOSÉ SOARES DA SILVA

O AMOR SEXUAL NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Filosofia.

Aprovada em: 28/11/2023.

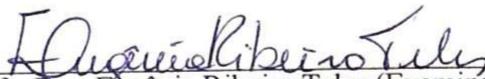
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Gilmara Coutinho Pereira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Eugênia Ribeiro Teles (Examinadora)
Instituto Federal da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, Ana Leite Soares da Silva e Ronaldo Almeida da Silva, pela criação e estímulo aos estudos, a minha namorada e companheira Vitoria Reniclecia Costa Santos, por todo carinho, amor e por acreditar no meu potencial, e a todos meus amigos, DEDICO.

“O que se vislumbra por trás de cada disputa amorosa, de cada esforço por união com o sexo oposto, é a Vontade de vida, cuja principal manifestação é exatamente a sexualidade” (Schopenhauer, 2000, p.10).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	O AMOR ENTRE OS SEXO E O NASCIMENTO DE UM NOVO INDIVÍDUO	8
3	O EGOISMO E O GOZO	11
4	OS PADRÕES ESTÉTICOS E PSÍQUICOS E A INDIVIDUALIZAÇÃO NO AMOR SEXUAL.	12
5	AMOR SEXUAL E TRAGÉDIA	15
6	CONSIDERAÇÕES ACERCA DO AMOR SEXUAL NOS DIAS ATUAIS... ..	18
7	CONCLUSÃO.....	20
	REFERÊNCIAS.....	21
	AGRADECIMENTOS	21

O AMOR SEXUAL NA FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER SEXUAL LOVE IN SCHOPENHAUER'S PHILOSOPHY

Jefferson José Soares da Silva *

RESUMO

O objetivo desse artigo é de refletir sobre o amor sexual na filosofia de Arthur Schopenhauer [1788-1860], como também, fazer um paralelo ao amor sexual na sociedade contemporânea. Na obra *Metafísica do Amor*, que compõe o capítulo 44 dos suplementos ao livro quarto, onde se encontra o texto – *O Mundo como Vontade e Representação – Tomo II*, é apresentado de maneira mais profunda o pensamento de Schopenhauer acerca do amor sexual. Por mais sublime que possa parecer a admiração no amor sexual, segundo o filósofo, ela se reduz em uma única finalidade: a procriação para a manutenção da espécie. Assim, ele busca compreender esse tipo de amor, como também, identificar as suas fragilidades dentro da sociedade contemporânea. Objetiva-se trazer o entendimento da temática da sexualidade na filosofia de Schopenhauer, como também, a sua importância em ser um dos poucos filósofos que se atentaram a essa temática. Vale ressaltar que o texto traz uma sessão dedicada a reflexão do amor sexual, apresentado na filosofia de Schopenhauer, em paralelo à sociedade contemporânea. Por meio disso, segundo os resultados alcançados, pode aferir-se que em alguns aspectos houve transformações sociais que mudaram esses padrões comportamentais da reprodução humana, como o fato do aumento dos números de casais que optam pela não reprodução da espécie, como também reafirma questões levantadas por Schopenhauer, como a respeito do egoísmo no amor sexual.

Palavras-chave: Amor sexual; Perpetuação da espécie; Reprodução; Sociedade contemporânea.

ABSTRACT

The aim of this article is to reflect on sexual love in the philosophy of Arthur Schopenhauer [1788-1860], as well as to draw a parallel to sexual love in contemporary society. In the work *Metaphysics of Love*, which makes up Chapter 44 of the supplements to Book Four, where the text - *The World as Will and Representation*, Volume II - is found, Schopenhauer's thoughts on sexual love are presented in greater depth. As sublime as admiration may seem in sexual love, according to the philosopher, it is reduced to a single purpose: procreation for the maintenance of the species. Thus, he seeks to understand this type of love, as well as to identify its weaknesses within contemporary society. Our aim is to provide an understanding of the theme of sexuality in Schopenhauer's philosophy, as well as his importance in being one of the few philosophers to pay attention to this issue. It is worth noting that the text includes a section dedicated to reflecting on sexual love, presented in Schopenhauer's philosophy, in parallel with contemporary society. According to the results of the research, it can be seen that in some respects there have been social transformations that have changed these behavioral patterns of human reproduction, such as the increase in the number of couples who choose not to reproduce the species, as well as reaffirming issues raised by Schopenhauer, such as selfishness in sexual love.

Keywords: Sexual love; Perpetuation of the species; Reproduction; Contemporary society

1 INTRODUÇÃO

Desde o final do século XIX ao início do século XX, o filósofo Arthur Schopenhauer, vem influenciando pensadores e filósofos, como: Wittgenstein, Horkheimer, Nietzsche e Freud. Filho de Heinrich Gloria Schopenhauer e de Johanna Schopenhauer, larga o comércio e passa a dedicar-se aos estudos, matriculando-se na universidade de Götting, logo após a morte de seu pai, vítima de suicídio.

Na jornada filosófica de Schopenhauer, destaca-se sua crítica à filosofia de Hegel. Schopenhauer afirmava que a forma que Hegel pensava tinha se tornado oficial e estatal, defendendo assim, causas e interesses pessoais, não tendo mais como fundamento a busca da verdade. Sua tese é de que não conhecemos o mundo na sua verdadeira essência, ou seja, como ele realmente é. Dessa forma, temos total dependência dos nossos instrumentos sensoriais, que limita nossa visão e entendimento de mundo à percepção de nossos sentidos.

Schopenhauer afirma na obra *O Mundo como Vontade e como Representação*, que o mundo é uma “representação minha”, verdade válida para todo ser vivo presente, e nenhuma verdade é mais absoluta que essa (Schopenhauer *apud* Reale 2005, p. 207). Em sua filosofia, os conceitos de vontade e representação são chave para a compreensão de sua metafísica, a representação se dá na relação entre sujeito e objeto.

O sujeito é aquele que, por meio das suas percepções sensoriais, percebe; e o objeto é aquilo percebido pelo sujeito. Sem essa relação, não existe representação. Para Schopenhauer, a vontade é a força motriz universal, ou seja, ela é o motor das nossas vidas. A sua obra *O Mundo Como Vontade e Representação* é dividida em quatro livros, o primeiro livro foi dedicado à Teoria do Conhecimento, o segundo foi dedicado à Filosofia da Natureza, o terceiro foi dedicado à Metafísica do Belo, já o quarto foi dedicado à ética.

Conforme a sua filosofia, a vontade é a essência do nosso ser. A vontade é insaciável e um eterno tender. Dessa forma, a vida do homem oscila entre dor, crueldade e tédio. Porém, quando o homem compreende que a realidade é a vontade e escolhe renunciá-la, ele está pronto para uma redenção. É justamente atrelada à questão da vontade e representação que Schopenhauer situa as questões do amor sexual, pois o amor sexual, conforme acredita Schopenhauer, é um fruto da vontade. A vontade de perpetuação da espécie.

Aqui, Schopenhauer nos mostra que existe uma vontade intrínseca da espécie na ideia de sua própria perpetuação, por meio da reprodução. Essa ideia afirma-se no desejo metafísico, que se objetiva na formação de um novo indivíduo. Assim, essa seria a única finalidade do amor apaixonado. O indivíduo, em seu egoísmo, acredita estar se beneficiando, satisfazendo o seu desejo, quando, na verdade, segundo Schopenhauer, ele está atuando em benefício da espécie, garantindo assim, a preservação da geração vindoura. Conforme esse pensamento, somos enganados pelo inconsciente, que auxilia nesse mecanismo de continuidade da espécie. Schopenhauer exemplifica a importância desse debate na filosofia, com a preocupação dos romancistas em escrever sobre esse fenômeno que é o amor romântico, como em: *Romeu e Julieta* e *A Nova Heloísa*, obras de William Shakspeare [1564-1616] e de Jean-Jacques Rousseau [1712-1778].

Como o filósofo destaca em seu texto, assim como os romancistas, é essencial que os filósofos estudem o amor, esse sentimento que faz parte da vida de todos. Em sua obra, Schopenhauer descreve o amor romântico, ou amor sexual, como uma mera ilusão, onde a única finalidade a ser obtida é a manutenção da espécie. Para isso o autor nos afirma, que o nosso inconsciente nos engana, ao ponto de ver no outro características físicas e psíquicas que nos agradem, para que assim haja a finalidade da reprodução.

Este artigo está dividido em 6 seções, que facilitam o nosso entendimento acerca da filosofia do amor em Schopenhauer: O Amor Entre os Sexos e o Nascimento de Um Novo Indivíduo, onde será introduzida a temática do Amor Sexual, que segundo Schopenhauer, visa unicamente a perpetuação da espécie por meio da reprodução e nascimento de um novo indivíduo. O Egoísmo e o Gozo, onde abordará as questões do egoísmo no Amor Sexual. Os Padrões Estético e Psíquicos e a Individualização no Amor Sexual, aqui é discutido os padrões que, segundo o filósofo, tem o potencial de atrair ou repelir os indivíduos com a ideia do

aprimoramento da espécie. O Amor Sexual e a tragédia, em nota de rodapé tratamos sobre Compaixão, amor esse, que Schopenhauer considera como amor verdadeiro. Por último as Considerações Acerca do Amor Sexual nos Dias Atuais, onde levaremos a reflexão do Amor Sexual à sociedade contemporânea.

2 O AMOR ENTRE OS SEXOS E O NASCIMENTO DE UM NOVO INDIVÍDUO

Schopenhauer inicia a *Metafísica do Amor*, afirmando que nós nos habituamos a ver os poetas fazendo descrição do amor entre os sexos. Essa é uma espécie de regra de todas as obras dramáticas, sendo elas cômicas ou trágicas, clássicas ou românticas, indianas ou europeias. Destaca-se a temática na maior parte das poesias líricas ou europeias. As obras que se abastecem desse conteúdo romântico são apenas descrições multifacetadas, longa ou breve, dessa paixão aqui descrita. A exemplo disso temos obras como: *Romeu e Julieta* obra de William Shakespeare [1564-1616] e *A Nova Heloísa*, obra de e Jean-Jacques Rousseau [1712-1778], exemplos de obras que alcançaram uma fama imortal.

Embora não seja cotidiano, esse sentimento que começa apenas como uma leve inclinação vivaz, pode crescer e se tornar uma paixão que excede ao ponto de que, para conquistar o parceiro, arrisca até a vida sem hesitar. Schopenhauer defende a ideia, de que essa referida paixão é responsável por conduzir mais pessoas ao hospício. Para afirmar isso, Schopenhauer exemplifica com os casos anuais de suicídio em conjunto de casais de amantes transtornados:

Por fim, cada ano há de mostrar um e outro caso de suicídio conjunto de um casal de amantes transtornado por circunstâncias externas; aqui, entretanto, permanece inexplicável para mim como pessoas que, certas no amor mútuo, esperando encontrar em seu deleite a mais elevada bem-aventurança, não prefere por diligências exteriores enfrentar todas as situações e padecer cada desventura a renunciar, com a vida, a uma felicidade além da qual nenhuma outra maior pode ser por eles pensada. (Schopenhauer, 2000, p. 5).

Para o autor, embora esse sentimento inspire homens a escreverem obras clássicas, esse mesmo sentimento pode nos levar ao processo de loucura. Muitos casais, mesmo com a certeza do amor mútuo, sofrem por alguma circunstância externa ao relacionamento e, por isso, preferem renunciar sua vida, ao invés do enfrentamento a essas circunstâncias. A paixão é algo recorrente no nosso cotidiano, por isso não se pode duvidar da realidade, nem da importância dessa temática do amor romântico. Por isso, Schopenhauer nos afirma que seria de admirar que algo com um papel tão significativo na vida humana até agora quase não tenha sido tomado em consideração pelos filósofos.

Platão foi quem mais se ocupou do assunto, especialmente em *O Banquete* e *Fedro*, porém, ele se ateu ao domínio das fábulas e ditos espirituosos, e também concerne em sua totalidade apenas ao amor grego pelos rapazes. Já sobre o que Rousseau fala sobre o amor no *Discurso sobre a desigualdade*, Schopenhauer afirma ser falso e insuficiente. Já na abordagem de Kant em *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, Schopenhauer define como superficial e incorreta. Já na *Antropologia* de Platner, ele defende que qualquer um achará rasteiro e leviano o tratamento que ele dá à temática. Ao que se refere a Spinoza, ele menciona devido à ingenuidade com a qual o panteísta de Haia tratava a temática, e ironizando o autor, ele afirma que essa merece ser mencionada por diversão.

Conforme o pensamento de Schopenhauer, todo enamorar por mais eterno que possa parecer, enraíza-se unicamente no impulso sexual. O Amor Sexual ao lado do amor à vida, mostra-se como a mais forte extimulo; pois é objetivo maior da espécie, exercendo influência prejudicial nos mais importantes casos:

Quando, então, sem esquecermos disso, consideramos o papel importante que o impulso sexual desempenha, em todas as suas gradações e nuances não só nas peças de teatros e romances, mas também no mundo real, onde ele, ao lado do amor à vida,

mostra-se como a mais forte e ativa das molas propulsoras, absorvendo ininterruptamente a metade das forças e pensamentos da parte mais jovem da humanidade. É ele a meta final de quase todo esforço humano, exercendo influência prejudicial nos mais importantes casos, interrompendo a toda hora as mais sérias ocupações, às vezes pondo em confusão por momentos até mesmo as maiores cabeças, não se intimidando de se intrometer e atrapalhar, com suas bagatelas as negociações dos homens de Estado e as investigações dos sábios, conseguindo inserir seus bilhetes de amor e suas madeixas até nas pastas ministeriais e nos manuscritos filosóficos, curtindo diariamente as piores e mais intrincadas disputas, rompendo as relações mais valiosas, desfazendo os laços mais estreitos às vezes tomando por vítima a vida, ou a saúde, às vezes a riqueza, a posição e a felicidade, sim, fazendo mesmo do outrora honesto um inescrupuloso, do até então leal um traidor, entrando em cena, assim, em toda parte como um demônio hostil, que a tudo se empenha por subverter, confundir e por abaixo quando consideramos tudo isso, somos levados a exclamar: para que tanto barulho?! Trata-se simplesmente de cada João encontrar a sua Maria: por que tal ninharia deveria desempenhar um papel tão importante e trazer sem cessar perturbação e confusão para a vida humana bem-regrada, deveria desempenhar um papel tão importante e trazer sem cessar perturbação e confusão para a vida humana bem-regrada? – Mas ao investigador sério o espírito da verdade revela aos poucos a resposta: não é nenhuma ninharia, mas a importância da coisa é perfeitamente adequada à seriedade e ao ardor dos impulsos. (Schopenhauer, 2000, pp. 7-8)

Schopenhauer defende a ideia de que o amor sexual desempenha um papel fundamental, não só nos romances ou teatro, mas, também no mundo real. Ninguém está livre das confusões que o amor sexual pode trazer. Esse sentimento pode interferir nas decisões importantes para o estado, como também, nem os homens mais providos de sabedoria e conhecimento estão livres das consequências que o amor sexual pode trazer. Assim, esse sentimento, denominado pelo autor como um demônio hostil, que a tudo pode pôr abaixo, em uma mera busca de parceiro para reprodução, ou melhor, um sentimento que nos engana e se objetiva na perpetuação da espécie. Para o autor, a Compaixão¹ é a forma verdadeira de amor, diferente do Amor Sexual, que segundo ele, desempenharia seu papel somente com fins de reprodução. Schopenhauer alega que aquele sentimento anunciado em nossa consciência individual como impulso sexual para com um indivíduo do sexo oposto, é simplesmente a vontade de vida daprole a ser gerada por ambos. Aquilo que aparece como impulso sexual orientado é, na verdade, a vontade de vida de um novo indivíduo a ser gerado, com a intenção inconsciente da perpetuação da espécie. Por isso, por mais sublime que possa parecer, a admiração, na verdade, é uma ilusão, onde a natureza visa unicamente a procriação, o nascimento de um novo indivíduo:

O que aparece, porém, na consciência como impulso sexual orientado para um indivíduo determinado é, em si, a Vontade enquanto querer viver de um indivíduo precisamente determinado. Neste caso, o impulso sexual, embora sendo de fato uma necessidade subjetiva, sabe pôr, com habilidade, a máscara de uma admiração objetiva, iludindo assim a consciência: pois a natureza precisa deste estratagema para atingir seus fins. Que por mais objetiva e sublime que possa parecer essa admiração todo estar-enamorando tem em mira unicamente a procriação de um indivíduo de determinada índole, logo se confirma por não ser o essencial a simples correspondência amorosa, mas a posse, isto é, o gozo físico. (Schopenhauer, 2000, p.10).

Algumas pessoas que estão fortemente enamoradas, ao não conseguir obter uma correspondência amorosa, essas, contentam-se com a posse, ou seja, o gozo físico. Aqui, é destacado casos de casamentos forçados, favores comprados a uma mulher, por presentes valiosos, e casos de estupro. A criança é procriada com o intuito de preservação e perpetuação da espécie, porém isso não acontece de forma consciente para o casal, pois ambos são enganados pela ideia do amor romântico. Por maiores que sejam as almas elevadas e sentimentais, dentro dessa bolha do amor romântico, Schopenhauer afirma que ambos cometem erro, e que não escapam do realismo áspero de sua visão.

¹ O amor sexual ou amor romântico, descrito por Schopenhauer, não se refere a uma forma verdadeira de se amar. Como o autor descreve em sua obra, esse tipo de amor se resume em uma mera ilusão do nosso inconsciente, com um único propósito determinado pela natureza, o de manutenção e conservação da espécie, não nos diferenciando, nesse sentido, dos animais irracionais. Isso é nítido quando o autor recorre a exemplos como os dos insetos, a carne

O filósofo coloca a determinação precisa das individualidades da próxima geração, como a finalidade de todo o amor romântico. Apenas essa finalidade é capaz de responder à forma profunda com a qual o amor apaixonado é sentido. Somente a geração vindoura em toda sua individualidade, através desses esforços do amor romântico, adquire o ímpeto para a existência. Ela já se faz sentir na escolha determinada da satisfação sexual, a qual chamamos de amor. Essa inclinação sentida pelos dois amantes é, na verdade, o desejo de vida do novo indivíduo. É no encontro dos olhares dos amantes, onde se inflama a vida do novo indivíduo.

O desejo de uma união efetiva se funde em um único ser. Dessa forma, esse desejo se satisfaz na criança procriada pelo casal, e esse novo indivíduo herdará características de ambos, o pai e a mãe. Essas características passarão a ser unidas em um único ser. Quando ocorre o contrário, onde passa a existir uma aversão mútua entre o casal, isso indicará que essa criança que será gerada, seria apenas um ser mal-organizado, desarmonioso e infeliz.

Em sua obra *Metafísica do Amor*, é descrito que essa inclinação crescente entre dois amantes nada mais é do que a vontade de vida do novo indivíduo, que eles podem e gostariam de procriar. Dessa forma, Schopenhauer afirma que:

Esse indivíduo terá do pai a vontade, ou caráter e da mãe o intelecto, e a corporificação de ambos: no entanto, na maioria das vezes a figura se ajustará mais a do pai, a grandeza mais a da mãe conforme a lei de procriação híbrida dos animais, baseada sobretudo em que a grandeza do feto tem de se ajustar a grandeza do útero. (Schopenhauer, 2000, p.12).

Devemos levar em consideração, que o primeiro instante do nascimento de um novo indivíduo, ou seja, o ponto saliente de sua vida, é, na verdade, aquele instante em que seus pais começam a se amar. É justamente naquele instante do primeiro encontro, primeiro enlace e primeira troca de olhares, onde nasce a primeira semente desse novo ser. O novo indivíduo que será gerado pode ser considerado uma nova ideia, no sentido platônico, e essa ideia irá se esforçar para entrar no fenômeno e ser realizado em fenômeno, com a sua materialização em um novo indivíduo.

Essa inclinação enamorada do amor romântico, é direcionada essencialmente para a beleza, a saúde, a força e a juventude, pois a vontade reclama o caráter genérico da espécie humana. Assim, temos as somas de duas individualidades, que se adequam entre si, a exemplo, o caráter do pai e o intelecto da mãe, que se unem naquele novo indivíduo. Por não existir dois indivíduos totalmente iguais, é necessário que cada homem determinado, corresponda de modo perfeito a uma determinada mulher, sempre visando esse novo indivíduo que será procriado.

Essa paixão amorosa, tem como núcleo e gira unicamente em função da criança que será procriada. Por isso que as qualidades físicas e mentais, que residem em ambos os jovens de diferentes sexos, que serão progenitores desse novo indivíduo, devem ser levadas em consideração, havendo assim uma concordância das características distintas desses jovens em um único indivíduo.

para eclodirem seus ovos. Dessa forma, Schopenhauer não reconhece esse amor como algo verdadeiro, além de ser algo que confirma a Vontade, nos tornando refém das ilusões que, ao serem satisfeitas, só nos resta dor e tédio. Porém, dentro de sua filosofia, ele reconhece um tipo de amor como verdadeiro, aquele tipo de amor que nos liberta da bolha da individualidade e do egoísmo. Esse amor é essencial e nos guia até a ascese. A Compaixão conforme Schopenhauer expressa em toda sua obra, é o único amor legítimo e desinteressado, onde não há finalidades egoístas, onde sentimos a dor do outro. Na filosofia de Schopenhauer, a compaixão trata-se de um fenômeno onde todas as motivações egoístas do indivíduo são deixadas de lado, abrindo assim, espaço para a empatia. É através da compaixão que as diferenças entre os indivíduos desaparecem, surgindo a justiça e a caridade. Para Schopenhauer a compaixão é um processo que parte da negação da vontade. Dessa forma, faz parte da moral em Schopenhauer a oposição ao sofrimento do outro, não prejudicar ninguém, e a caridade, a ação que livra o outro do sofrimento. Esse princípio parte de que devemos também buscar o bem-estar do outro. Assim, a compaixão está atrelada à negação do querer viver. Essa negação se manifesta em três níveis: uma negação parcial momentânea na apreciação estética; através da compaixão, que também é momentânea, mas que é possuidora do valor moral; uma negação plena que se manifesta na vida ascética dos Santos. Trata-se de uma eutanásia na vontade de viver a que Schopenhauer dá o nome de ascese.

3 O EGOÍSMO E O GOZO

O egoísmo, para Schopenhauer, é uma qualidade que está enraizada na individualidade que, para estimular a atividade de um ser individual, os fins egoístas são os únicos com os quais se podem contar com segurança. A espécie tem um direito sobre o indivíduo, porém, esse direito é prévio e, às vezes, o indivíduo prefere as finalidades egoístas, ao invés dos sacrifícios que conservem a espécie. Essa é a justificativa, pela qual a natureza utiliza essa ilusão para alcançar sua finalidade de conservação da espécie, onde o indivíduo pensa que está fazendo o bem a ele mesmo, mas, que é um bem somente para a espécie. Nesse aspecto, o egoísmo leva o indivíduo a acreditar que ele está no controle e o mesmo está satisfazendo a sua vontade e conquistando a sua amada. Esse egoísmo que o leva a satisfazer a sua vontade, quando, na verdade, ele está satisfazendo o desejo de perpetuação da espécie, se torna uma arma fundamental para essa ilusão.

É verdade que a espécie tem sobre o indivíduo direito prévio, mais imediato e maior que a efêmera individualidade; todavia, pode acontecer que, quando o indivíduo tem de ser ativo e até fazer sacrifícios para conservação e o aprimoramento da espécie, a importância da questão não se torne tão compreensível para o intelecto adaptado apenas para os fins individuais, para poder atuar adequadamente. Por isso, tais casos, a natureza só pode alcançar o seu fim se implantar no indivíduo uma certa ilusão, em virtude da qual aparece como um bem para ele mesmo, o que é de fato um bem só para a espécie, de modo que ele a serve enquanto pensa servir a si. (Schopenhauer, 2000, pp.15-16).

Em todo esse processo, surge um motivo ilusório no lugar da realidade. Esse motivo ilusório é o nosso instinto de conservação da espécie. Nada mais é do que a espécie expondo a vontade do que lhe é favorável. Costumamos pensar que o homem pouco tem esse instinto, pensamos que é algo relacionado bem mais aos recém-nascidos, que buscam os seios de suas mães. Mas, de fato, temos um instinto determinado, a escolha sutil, obstinada a outro indivíduo para a satisfação sexual.

O que, portanto, guia o homem realmente é um instinto orientado para o melhor da espécie enquanto ele imagina procurar apenas o supremo gozo pessoal. Assim, ele descreve a forma pela qual um homem escolhe uma mulher para satisfação sexual, é comparável com a de um inseto, que busca uma flor, carne ou fruto com a finalidade de procriação. Com cuidado, ele escolhe uma parceira que lhe agrade individualmente e então se esforça para atingir esse fim, arriscando tudo o que tem em nome dessa união:

Que o cuidado com o qual o inseto busca uma determinada flor, carne, ou, como os ichneumonídeos, estranho para lá apenas depositar seus ovos, não tem medo, cansa-se de perigo para atingir tal objetivo, é bastante análogo aquele pelo qual um homem escolhe para satisfação sexual cautelosamente uma mulher de qualidade determinada que lhe agrade individualmente, e então se esforça ansiosamente por ela, de modo tal que, muitas vezes para atingir esse fim, a despeito da razão, sacrifica sua própria felicidade de vida por um casamento insensato ou de uma disputa amorosa que lhe custa poder, honra e vida, inclusive por meio de crimes, como adultério ou estupro; tudo isso apenas para servir a espécie do modo o mais conveniente possível, em conformidade à, em toda parte, soberana Vontade da natureza, mesmo se à custa do indivíduo. (Schopenhauer, 2000, p.18).

O instinto é bastante similar a um agir segundo o conceito de fim e, sem este. A natureza

tem a função de implantar onde tal indivíduo seria incapaz de entender a finalidade de sua ação. Por esse motivo, esse instinto é dado somente aos animais inferiores, com o mínimo de entendimento, mas, quase só nesse caso considerado aqui, também é dado ao homem, que poderia entender a finalidade, mas, não perseguiria, como um ardor necessário o saber, mesmo que possa custar seu bem-estar individual.

Ele ainda complementa, afirmando, que cada enamorado, após obter o gozo, experimenta uma estranha decepção e se espanta que algo desejado com tanto anelo não proporcione mais do que qualquer outra satisfação sexual de modo que não se vê aí muito favorecido:

Isso lança luz nova sobre os instintos e os impulsos engenhosos dos animais. Estes também, sem dúvida, são formados por um tipo de ilusão que ele simula o próprio gozo, enquanto trabalham assiduamente e com auto-abnegação em favor da espécie: o pássaro constrói seu ninho, o inseto procura um único lugar propício para os seus ovos, ou faz caça a uma presa aqui, para ele mesmo, não é desfrutável, mas tem de ser posta ao lado dos ovos como alimento para as futuras larvas; as abelhas, as vespas, as formigas dedicam-se às suas construções engenhosas e suas economias altamente complicadas. A todos eles, com certeza, guia uma ilusão, que, a serviço da espécie, coloca a máscara de um fim egoístico. (Schopenhauer, 2000, p.20).

Esse talvez seja o único caminho para a compreensão desse mecanismo subjetivo e interior que se encontra na exteriorização do instinto. No aspecto exterior e objetivo, os insetos nos mostram seu predomínio no sistema nervoso, o que mostra a alteração desse instinto, tanto no sistema glandular impulsionando sobre o cérebro, como também, são impulsionados por uma ilusão instintiva. Mesmo que fraco o instinto do homem, o grande apetite das mulheres grávidas, parecem ter origem no fato de que o embrião às vezes precisa de uma modificação do sangue que lhe afliu, assim, a grávida se apresenta como um objeto de desejo ardente, e nesse momento nasce uma ilusão. Schopenhauer conclui que as mulheres têm um instinto a mais que os homens. Dessa forma, o grande volume de cérebro nos homens, serve para explicar o fato deles terem menos instintos que as mulheres.

É fato que existe um instinto responsável por direcionar o homem e a mulher para a geração de uma criança. Conforme essa afirmação, podemos concluir que o homem está inclinado por natureza à inconstância no amor, e a mulher à constância. O amor do homem diminui logo depois da satisfação, enquanto o amor da mulher, pelo contrário, só aumenta. Esse fato é uma consequência da finalidade da natureza, para a multiplicação da espécie.

4 OS PADRÕES ESTÉTICOS E PSÍQUICOS E A INDIVIDUALIZAÇÃO NO AMOR SEXUAL

Arthur Schopenhauer estabelece os padrões estéticos que irão influenciar no amor entre o homem e a mulher:

Depois da idade da doença nada nos repele mais do que uma figura deformada, nem mesmo o mais belo rosto pode compensá-la; antes, até um rosto mais feio, num corpo bem construído, será incondicionalmente preferido. E mais: sentimos de modo mais forte cada desproporção do esqueleto, p. ex. uma figura mirrada, retorcida, pernas curtas e também o andar coxo, quando não é consequência de um acidente exterior. Ao contrário, uma conformação corpórea notadamente bela pode compensar muitas deficiências: ela nos enfeitiça. A essa mesma consideração também pertence o elevado valor que todos atribuem à pequenez dos pés: baseado em que estes são um caráter essencial da espécie, pois nenhum animal possui o

conjunto de tarso emetatarso tão pequeno quanto o homem, o que relaciona com o seu andar ereto, já ele é um plantígrado. (Schopenhauer, 2000, p. 24)

É esclarecido que toda desproporção que causa deformidade no esqueleto, reflete nessa relação romântica. Schopenhauer destaca essas características estéticas, não só como algo esteticamente belo, mas, como também algo que pode interferir na qualidade de vida desse novo indivíduo, embora ele se baseie muito no senso comum para defender o seu argumento. Aqui, ele acredita que tais deformidades podem prejudicar a espécie no seu desenvolvimento, enquanto a beleza estética ele associa a ideia de saúde e bom desenvolvimento para a espécie, facilitando a sua perpetuação.

Os seios, que garantem ao recém-nascido a sua alimentação, tem relação com as funções reprodutoras da mulher, e é justamente por isso que seios fartos exercem no homem uma atração física. Essa atração é uma forma inconsciente de garantir ao recém-nascido o alimento, pois, seios bem dotados podem ser associados a fartura desse alimento, fundamental para o desenvolvimento da criança. Para Schopenhauer, a mulher gorda passa uma imagem de esterilidade, pois esse excesso de peso pode levar a atrofia do útero, provocando repulsa no homem que, por funções vitais, determinadas pela natureza, visa unicamente a perpetuação da espécie.

A última consideração de Schopenhauer é sobre a estrutura harmônica de um belo rosto. Uma boca pequena, um belo nariz, um maxilar pequeno, são características que tornam um rosto bonito e atraente. Schopenhauer afirma que a estrutura óssea do rosto também é responsável na construção de um rosto atraente. O nariz, para ser considerado bonito, tem uma formação óssea com uma curvatura pequena, já um queixo voltado para trás, se torna repulsivo. O conjunto de belos olhos com uma bela testa, são essenciais, com uma relação íntima com as qualidades psíquicas e intelectuais que são herdadas da mãe.

Enquanto os homens são guiados pela beleza física, um belo rosto, o conjunto de estruturas simétricas, que as tornam belas aos olhos das mulheres, por outro lado, reconhecem o apogeu da procriação, e justamente por isso, que elas dão preferência a uma faixa etária estimada dos 30 aos 35 anos. Essa idade não representa o apogeu da beleza e jovialidade masculina, mas traz consigo a maturidade necessária a qual as mulheres buscam para o aprimoramento da espécie, pois, elas buscam qualidades genéticas para seus filhos, como: força física e coragem. Essas características serão herdadas de ambos.

O instinto das mulheres permite observarem menos a beleza física dos homens. Por instinto, elas tendem a buscar o aprimoramento de sua prole, justamente por isso, elas são cativadas pela coragem e força física herdadas do progenitor. A tendência é que elas busquem características masculinas que elas não podem dar às suas crianças. Força muscular, ombros largos, ancas estreitas, barba, pernas retas, coragem, etc. As mulheres podem se sentir atraídas e amarem um homem esteticamente feio, porém, os seus instintos não permitem que elas amem um homem sem masculinidade, justamente por não suprirem as carências de sua prole, uma prole forte e corajosa.

Outro ponto importante para ser levado em consideração, dentro das qualidades no amor sexual, são as qualidades psíquicas. A mulher se sente atraída pela honradez, pela bondade do coração e pela firmeza da vontade do homem, pois tudo isso com o caráter são características a serem herdadas do pai. Já os homens, por outro lado, esses não se atraem pelo caráter da mulher. Seu interesse está relacionado à beleza física da mulher, ou seja, sua atração tem uma relação aos padrões estéticos da mulher.

Todas essas considerações apresentadas por Schopenhauer até aqui, são considerações que valem para todos os casos, sem exceções, sendo consideradas absolutas. Porém, o filósofo da vontade, nos apresenta outro tipo de consideração, as considerações relativas. As considerações relativas são aquelas que são consideradas individuais. Nesse

caso, por ter origem em uma índole individual, cada um ama e busca aquilo que lhe falta.

Essas considerações relativas, originaram o amor apaixonado. O amor apaixonado nasce, quando ambas as pessoas envolvidas no romance se neutralizam. Nesse ponto, Schopenhauer se baseia em uma metáfora química, de uma mistura de ácido alcalil em um sal neutro. Todas essas relações são unilaterais. Porém, a parcialidade se destaca de forma explícita e decisiva mais em um do que em outro. É fundamental que ambos se anulem. Havendo uma anulação dos indivíduos, servirá de complemento para a formação de sua prole, que herdará características de ambos.

A unilateralidade mútua das características individuais de ambos os indivíduos, envoltos pelo amor romântico, devem passar por um processo de anulação, onde, por exemplo, ambos devem se complementar em sua masculinidade e feminilidade.

Para a neutralização mútua de duas individualidades que está em pauta exige-se que o grau determinado de masculinidade do homem corresponda exatamente ao grau determinado de feminilidade da mulher, suprimindo-se com isso aquelas unilateralidades de modo preciso. Assim como o homem mais masculino procurará a mulher mais feminina e vice-versa, e justamente desse modo cada indivíduo procurará quem lhe corresponda no grau de sexualidade. (Schopenhauer, 2000, p.30).

Nesse caso, o grau de masculinidade do homem corresponde ao grau de feminilidade da mulher, anulando-se os indivíduos de suas particularidades, assim como na metáfora química citada anteriormente. Com isso, a tendência é que um busque a masculinidade ou feminilidade do outro. Outro exemplo é que homens com musculatura mais fraca, procurem por mulheres mais fortes. Assim, da mesma forma, agirá a mulher. O que podemos entender em tudo isso é que, nesse processo, o melhoramento da espécie é fundamental para a perpetuação e, é por isso que um buscará no outro aquilo que lhe falta. Nesse processo a estatura física é extremamente importante para esse aperfeiçoamento da espécie. Seguindo essa premissa, os homens pequenos em tamanho, terão uma inclinação por mulheres mais altas, e vice-versa.

Schopenhauer defende a tese de que a cor de pele natural do homem é preta ou morena, enquanto as características como olhos azuis e cabelos loiros, são uma espécie de variante ou anomalia, que não é tão natural em nossa espécie, e que mesmo nas proximidades dos polos e em nenhuma outra parte do mundo, essas características podem ser consideradas naturais, massamente na Europa, geralmente na Escandinávia, nós os encontramos. Nesse sentido, cada um preferirá o seu oposto. Ou seja, aquele que é perfeito, tende a procurar a imperfeição contrária. Outro ponto destacado é que Schopenhauer acredita que, no amor sexual, a natureza se esforça de forma natural para voltar aos olhos castanhos e cabelos escuros.

Schopenhauer nos fala que o enamorar-se aumenta com a sua individualização, pois, é demonstrado que a combinação das características físicas de ambos os enamorados, servem para o aprimoramento da espécie, e é justamente isso que leva ambos a se atraírem de forma exclusiva. Sem esse fundamento, não haverá qualidade necessária para perpetuação da espécie. Sem a individualização, todos os esforços da reprodução são direcionados às questões quantitativas, e não qualitativas.

O enamorar-se aumenta com sua individualização, ao demonstrarmos como a constituição corpórea de dois indivíduos pode ser tal que, para servir ao restabelecimento o melhor possível tipo da espécie, um é complemento inteiramente especial do outro, o que, portanto, os faz se desejarem com exclusividade. Neste caso, surge uma paixão significativa, que, justamente por ser direcionada para um único objeto e apenas para este, como que representa uma missão especial da espécie, e ganha uma aura nobre e sublime. Devido ao fundamento oposto, o mero impulso sexual é vulgar, porque, sem individualização, direciona-se a todos e se esforça por conservar a espécie, apenas segundo a

quantidade, com pouca consideração da qualidade. (Schopenhauer, 2000, pp.35-36).

“Com essa individualização, a intensidade do enamorar-se pode atingir um grau tão elevado que sem a sua satisfação, todos os bens do mundo, e até a própria vida, perdem seu valor.” (Schopenhauer, 2000. p. 36). Assim, a vontade da vida anseia aqui no objetivar-se em um indivíduo bem determinado, só pode ser criado por este pai com esta mãe.

Podemos explicar essa individualização pelo seguinte fato ao enamorar, podemos notar o interesse de ambos os indivíduos que compõe o casal, na constituição corpórea e psíquica do outro, a fim de reestabelecer e melhorar a espécie, complementando suas melhores características com a do outro. “Esse desejo cresce e toma grandes proporções, a ponto daquele que deseja essa realização ser conduzido à loucura ou até mesmo ao suicídio.” (Schopenhauer, 2000. p. 36). “Temos aqui um desejo metafísico da Vontade e, esse desejo não tem nenhum outro objetivo, a não ser os corações dos futuros pais, arrebatados por esse desejo, e se iludem ao acreditarem desejar para si, quando, na verdade, tem uma finalidade puramente metafísica”. (Schopenhauer, 2000. p. 36-37).

Dessa forma, aquele ímpeto que expõe esse fenômeno, como a suprema paixão dos futuros pais, é, na verdade, uma ilusão sem igual, e segundo o autor, faz com que um enamorado entregue todos os bens do mundo em troca da união com esta mulher, que pode lhe proporcionar aqui aquilo que qualquer outra também poderia lhe proporcionar. Essa união apaixonada entre casal tem finalidades egoísticas, onde ambos buscarão o melhor do outro para si, com o desejo de gerar um filho com as características desejadas. Ambos se esforçam para atrair o outro, às vezes de forma tão desesperada, a ponto de arriscar tudo por essa satisfação, se confirmando ainda mais essa finalidade egoísta. Porém, o casal apaixonado está só cumprindo seu papel biológico, aquele que a natureza nos impõe de maneira inconsciente.

5 O AMOR SEXUAL E A TRAGÉDIA

Perder a amada para um rival, ou perdê-la para a morte, atinge o indivíduo em sua essência eterna, além de ser uma dor incomparável, e supera qualquer outra. Renunciar a amada é o maior sacrifício pelo qual um homem pode passar e é justamente por isso que o ciúme é tão furioso e cheio de tormento. Os lamentos e lamúrias das questões amorosas é algo que pertence à espécie, e é por isso que um herói não se envergonha delas, podendo se envergonhar de qualquer outra, menos das “desonrarias” do amor. Schopenhauer exemplifica esse seu argumento com a história do grande Zenóbia, de Calderón de La Barca, em uma cena entre Zenóbia e Délcus, onde este diz renunciar mil vitórias em nome do amor que sente pela amada.

Existem casos onde pessoas, consideradas honradas, cometem o adultério sem nenhum escrúpulo, a partir do momento que o interesse da espécie, ou melhor, o amor apaixonado apodera-se dos amantes, e é justamente por isso que o amor sexual pode fazer a pessoa ceder sua honra. A partir do momento que o amor sexual domina os amantes, a honra que sobrepuja cada interesse é derrotada. O sujeito que age desse modo, acredita que está consciente, pelo simples fato de agir conforme o interesse da espécie, o de perpetuação da mesma, por meio da reprodução.

Quando os amantes estão apaixonados, havendo um interesse mútuo entre o homem e a mulher, não existem obstáculos que possam separá-los, nem maridos, nem pais, etc. A única finalidade desses dois amantes é existirem um para o outro, não há leis humanas e terrenas que mude isso. Todas as diferenças entre os amantes se dissipam em meio a essa relação de amor apaixonado, como também, não existem perigos que esses amantes não possam enfrentar em nome do amor, a ponto de que até os medrosos se tornam corajosos, quando são movidos por

esse amor.

É bastante comum que um homem, quando apaixonado e movido pelo amor romântico, passe a produzir com facilidade fenômenos cômicos ou trágicos, pois, além de movido pelo espírito da espécie, ele também é guiado e dominado por ele. O homem, submetido a esse amor, abandona suas finalidades e se deixa ser levado por esse espírito da espécie, e esse fenômeno traz ao homem um aspecto sublime, transcendente e, ao mesmo tempo, poético. É uma missão determinada pela natureza e dada ao homem, para perpetuar a existência da espécie humana no planeta por meio da reprodução. Uma missão da vontade que se objetiva na espécie, que se disfarça no amor romântico, nos iludindo, com a simples finalidade de gerar uma prole.

Também é destacado pelo autor que, mesmo nas peças de teatro, ou nos romances, os jovens que defendem seus casos amorosos, ou seja, o interesse da espécie triunfa sobre os anciãos que se preocupam apenas com o bem dos indivíduos. É destacado também que o fato de um homem estar enamorado, produz frequentemente fenômenos cômicos e às vezes, trágicos.

Sabemos que a manifestação ou aparição do gênio da espécie, com as finalidades que sempre contrariaram os interesses dos indivíduos envolvidos pelo amor romântico, são o tema central de quase todas as comédias, essas finalidades ameaçam constantemente a felicidade de ambos os indivíduos envolvidos por esse amor. Os espectadores da comédia e os amantes que nelas são representados, alimentam uma ilusão, a ilusão de que eles fundaram a própria felicidade, mas, na verdade, eles, por meio dessa ilusão, estão sacrificando suas vidas e felicidades em prol do bem da espécie, ou seja, a perpetuação da mesma.

Essa ilusão radiante que ascende com a paixão quando não é realizada, faz com que a vida dos indivíduos envolvidos perca seu sentido e encanto, eles passam a desenvolver o sentimento de desgosto, ao ponto de ultrapassar os terrores da morte.

Nesse caso, a vontade individual do homem é esquecida e trocada pela vontade da espécie. Schopenhauer afirma que, às vezes, a única saída para o casal de amantes se torna o suicídio, a menos que a natureza, na tentativa de salvar ambos, faça aparecer a loucura. Embora ele cite isso, Schopenhauer não defende o suicídio, pois, um dos seus princípios para se alcançar a ascese, é justamente a negação da vontade e, nesse caso, o suicídio é uma afirmação enfática dessa vontade.

Porém, não é somente a paixão amorosa insatisfeita que às vezes tem uma saída trágica, mas também a satisfeita que leva mais à infelicidade do que à felicidade. É bastante comum que as exigências da paixão se colidam com o bem-estar das pessoas envolvidas. O amor frequentemente está em contradição com as situações exteriores, mas também com a própria individualidade, na medida que se projeta sobre pessoas que, fora a relação sexual, seriam odiadas pelo amante.

Mas a vontade da espécie é tão poderosa ao ponto que o amante fecha os olhos diante daquilo que lhe desagrade e não dá conta de nada, ligando somente para o objeto de sua paixão. O apaixonado percebe todos os defeitos e falhas da sua amada, e mesmo assim não se intimida, mesmo que ela lhe ofereça uma vida atormentada, pois no amor sexual, não se trata do próprio assunto, mas sim, do assunto de um terceiro, ou seja, o indivíduo fruto desse amor.

Apenas a partir daí é explicável a frequência com a qual vemos homens bastante razoáveis e até distintos ligados a dragões e asmodeus, e não concebemos como puderam ter feito uma tal escolha. Daí os antigos representarem o Amor como cego. Sim, um enamorado pode até conhecer de modo claro e sentir amargamente o temperamento e falhas de caráter insuportáveis de sua noiva, que prometem uma vida atormentada, e mesmo assim não se intimida. (Schopenhauer, 2000, p.46).

Lá, no fundo, os enamorados não tratam de um assunto próprio, mas sim de um assunto de um terceiro, que ainda deve nascer, embora esses estejam sendo iludidos por

acreditarem se tratar de um assunto próprio.

Porém, é justamente esse fato de não tratar do próprio assunto que se torna a marca da grandeza, e confere ao amor apaixonado o aspecto que o torna digno de poesia. Faz parte das características do amor sexual a capacidade de conviver até com o ódio, por isso Platão o comparava ao amor dos lobos pelas ovelhas. Isso decorre quando, apesar de todos os esforços e súplicas, os amantes apaixonados não podem encontrar qualquer condescendência sob qualquer condição. Nesse caso, mesmo que esse amor não siga os parâmetros que favoreçam a união, eles conseguem conviver juntos em prol de um bem maior, que seria a manutenção da espécie. Por isso a comparação do amor dos lobos pelas ovelhas.

O ódio contra a amada, quando aceso, pode chegar tão longe, que o homem mata a companheira e em seguida se suicida. Aqui, Schopenhauer exemplifica com casos desse tipo, decorrente a cada ano, e era notificado em jornais ingleses e franceses. Casos como esse não são considerados hipérbolos, onde amantes movidos por crueldade e frieza, cometem essas atrocidades com sua amada, ele está sob influência de um impulso, que se compara aos instintos de um inseto. O gênio da espécie acaba conduzindo uma guerra generalizada contra os gênios protetores desses indivíduos, destruindo assim, a sua felicidade pessoal, para assim impor sua finalidade. Isso gerou a ruína e destruição de várias nações.

Conforme essa paixão do amor romântico repousa sobre a ilusão, o que faz com que esse indivíduo acredite estar fazendo sua vontade, quando, na verdade, ele está afirmando a vontade da natureza sob a espécie. Essa ilusão tem que desaparecer, logo após as finalidades da espécie serem obtidas. Aquele espírito da espécie, o qual dominava o indivíduo, através de suas ilusões, deixa-o livre novamente. Esse indivíduo livre desse espírito da natureza recai a suas limitações e pobreza de antes.

O indivíduo nota que ele foi enganado pela vontade da espécie. Esses casamentos de amor são contrariados no interesse da espécie, e não dos indivíduos. Os envolvidos por esse amor, presumem promover sua própria felicidade, mas aquilo que eles buscam se torna alheio a eles mesmos. Eles procuram se entenderem da melhor forma possível, mas sendo eles unidos pela ilusão instintiva, serão de índole heterogênea. Como consequência, esses casamentos tornam-se infelizes.

Quando um homem, em seu matrimônio, busca mais o dinheiro ao invés da satisfação de sua inclinação como espécie, vive mais como indivíduo do que como espécie, pois ele se comporta de forma contrária à natureza. Já uma moça que, contra a vontade de seus pais, rejeita o pedido de casamento de um homem rico e que ainda não é velho, ela deixa de lado a conveniência e escolhe o bem da espécie. Enquanto os pais dela agiram conforme o egoísmo individual, ela agiu no sentido da natureza, ou seja, no sentido do melhor para a espécie.

Em um casamento, ou se lesa o indivíduo ou o interesse da espécie. Isso ocorre em quase todos os casos, sendo raros os casos da conveniência e o amor apaixonado andarem de mãos dadas, sendo considerado um golpe de sorte quando isso acontece. O fim capital do casamento está atrelado à geração vindoura, e é justamente por esse motivo que se tornam raros os casamentos felizes. Para consolar as almas apaixonadas, o amor romântico se inicia mediante uma amizade baseada na concordância de mentalidades. Essa amizade nasce, na maioria, através das qualidades físicas, morais e intelectuais, que complementem ambos os indivíduos, tendo em vista a criança a ser procriada.

A metafísica do amor sexual, a qual Schopenhauer aborda, tem uma ligação estreita com a sua metafísica geral. Fica claro em toda a ideia do amor sexual que o amor apaixonado se baseia na ideia de continuação da espécie, com a geração vindoura. Com isso, podemos confirmar duas coisas: 1) Essa solidez do homem sempre viverá na próxima geração. Pois, esse interesse que existe no amor romântico, que é tão vivaz e zeloso, que exerce tamanha influência no ser humano, está completamente relacionado com a ideia de continuação com a geração vindoura. 2) “O ser em si do homem reside mais na espécie, do que no indivíduo” (Schopenhauer, 2000,

p.53). Pois o mesmo arrisca e sacrifica tudo por essa ideia de perpetuação da espécie. Sendo assim, a espécie está mais próxima dele, do que o indivíduo.

Esse anseio existente no amor romântico, tão ardente, direcionado para uma mulher determinada, é, portanto, uma comprovação da indestrutibilidade do ser e de sua espécie, pensamos em uma futura existência de seres semelhantes a nós. Toda essa essência anseia justamente a Vontade de vida, que busca pela continuidade e permanência de nossa espécie. Quando pensamos em livrar-nos deles, é, na verdade, a negação da Vontade de vida, onde a vontade individual se separa do tronco da espécie e renúncia sua existência nela.

O budismo designa essa separação do tronco da espécie com a palavra nirvana. Partindo dessa última consideração, nosso olhar é submerso à agitação da vida, empregaremos as nossas forças a satisfazerem necessidades infindas e nos defenderem desse sofrimento multiforme, sem poder esperar algo, a não ser essa conservação, por um período curto de tempo, dessa existência individual do sofrimento. Esses amantes são considerados traidores, pois têm a intenção de perpetuarem as misérias e atribulações. Sem esses amantes, tudo isso teria um fim, porém, eles preferem dar continuidade, assim como os que existiram anteriormente.

6 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO AMOR SEXUAL NOS DIAS ATUAIS

Será que, mesmo após mais de 160 anos da morte de Schopenhauer, não houve mudanças nessas relações amorosas? Sabemos que a sociedade anda sempre em constante transformação e é reflexo da realidade de cada época. Como se pensar a filosofia do amor sexualidade Schopenhauer nos dias atuais? Devemos ter muito cuidado para não cometermos anacronismo, ou, acrescentarmos algo nosso à sua filosofia. A intenção desse artigo, além de nos debruçarmos nos pensamentos de Schopenhauer, é de procurar entender e considerá-lo hoje em dia nas relações contemporâneas.

No mundo contemporâneo, as relações não estão somente ligadas à ideia de manutenção ou continuidade da espécie. As relações atuais estão ligadas à relação de consumo, temos mais liberdade para a pluralidade das relações, como relações homoafetivas. Não é uma afirmação de que na época de Schopenhauer não existissem essas relações, porém, é nítido como na contemporaneidade nos tornamos mais livres e abertos para essas relações. Somos mais abertos à ideia do sexo simplesmente por prazer, e é mais comum na atualidade a ideia do sexo sem a ligação matrimonial, como também são comuns as mudanças de parceiros. Segundo os últimos censos demográficos divulgados pelo IBGE, no Brasil, entre 2000 e 2020, a média de filhos passou de 2,08, para 1,65 filhos por mulher. Tem aumentado bastante o número de casais que optam por não ter filhos. Mesmo que Schopenhauer afirmou o fato do Amor Sexual ser uma manobra inconsciente para a perpetuação da espécie.

Assim como os poetas, romancistas, teatrólogos, cineastas, músicos e escritores da atualidade tem se inspirado nessas relações contemporâneas de pluralidade, é essencial que o filósofo, assim como os novos artistas, tenha o papel de pensar essas novas relações.

Como citamos anteriormente, segundo os últimos censos demográficos do IBGE, no Brasil tem aumentado bastante o número de casais que optam por não ter filhos. Nesse caso, não seria a vontade de vida do novo indivíduo que seria a base para essa relação, mas sim um impulso sexual orientado pela atração que ambos os indivíduos sentem um pelo outro, visto que em relações como essa, em alguns casos, os casais optam por não terem filhos.

Em outros casos, devido a maior liberdade que temos na contemporaneidade, o amor passa a se basear em uma lógica consumista. Ou seja, hoje temos uma liberdade maior para mudarmos de parceiros nos nossos relacionamentos, e a lógica com a qual escolhemos esses parceiros, acabando uma lógica consumista. Olhamos o outro não mais com o interesse de

reprodução, mas, com o interesse em consumir o outro, em nos satisfazer. Esse tipo de consumo tem uma lógica capitalista que coisifica o outro, nos tornando mercadoria para atendermos uma demanda de exigência baseada nesse novo padrão de consumo. Aqui, se consuma que nossa geração atual, se tornou tão egoísta quanto na época de Schopenhauer. A mesma lógica com a qual escolhemos um novo modelo de celular, usamos para escolher um novo parceiro. Esperamos sempre a novidade nas relações, novos padrões estéticos e comportamentais, novos programas de casais e, quando nosso parceiro não nos supre dessas novidades, somos livres para mudar de parceiro, como se o parceiro anterior se tornasse obsoleto. Essa liberdade faz de nós individualistas, pois passamos a buscar não somente a continuidade da espécie, ou a satisfação do outro, mas, também, em muitos casos, a própria satisfação. A liberdade, o nosso poder de escolha, acaba nos permitindo ser mais individualistas.

Por outro lado, a procriação não é somente um privilégio de casais héteros, os avanços tecnológicos permitem que, hoje, casais homossexuais possam procriar por meio de reprodução assistida. Outro exemplo são casais que optam por adotar seus filhos. Esses, não dão continuidade à espécie por meio da reprodução, mas estão contribuindo com a manutenção da espécie, garantindo seus direitos e qualidade de vida material e familiar.

Em *Metafísica do Amor*, Schopenhauer assim se refere acerca das relações homoafetivas: “O sentido da beleza, que direciona instintivamente a escolha do objeto da satisfação sexual, é mal dirigido quando degenera em tendências para a pederastia.” (Schopenhauer, 2000, p. 21). Fica explícito, que apesar de existirem relações homoafetivas em sua época, embora que com bem menos liberdade e aceitação que atualmente, Schopenhauer, utilizando de senso comum, ou seja, sem bases científicas, profere palavras injustas. Embora raro os casos de reprodução assistida, casais homoafetivos adotam, oferecendo amor paterno e carinho, que contribui com a manutenção da espécie. É injusto que tal sentimento seja considerado pelo filósofo, como algo mal dirigido.

Os avanços tecnológicos contribuíram, atualmente, com o consumo exacerbado de pornografia. Isso resultou em um grupo de pessoas, que devido conseguirem se satisfazerem sexualmente, consumindo a pornografia, não sentem mais a necessidade de se relacionar sexualmente de forma física com outro indivíduo. Atualmente a pornografia é tão consumida, que foi capaz de impulsionar a demanda por conexões melhores e mais rápidas.

Assim como no passado, a religião, ou a falta de religião, interfere diretamente nas questões do amor sexual. Casais evangélicos, por exemplo, só podem se relacionarem sexualmente após o matrimônio, como também, é proibido o consumo de pornografia. Cristãos católicos, exceto o clero que compõem o corpo sacerdotal da igreja, são mais abertos as relações fora do matrimônio. Outro exemplo, é que para casais homoafetivos, as religiões de matriz africana, como o Candomblé, são mais acolhedoras. Já pessoas que não possuem religião, normalmente se sentem mais abertas para qualquer tipo de relação.

Na contemporaneidade é nítida a questão do egoísmo no amor, devido ao fato dessa lógica consumista ter atingido o amor na atualidade, o egoísmo pode até ter aumentado. É nítido que na atualidade procuramos mais a nossa satisfação, do que propriamente gerar um filho. A ecleticidade nos padrões estéticos e psíquicos nos permite buscar sempre um novo parceiro que nos satisfaça constantemente, lutamos diariamente com a concorrência de “novos modelos de companheiros”, aquele tipo de parceiro que corresponda os padrões estéticos e comportamentais daquilo que é tendência. Para nos mantermos sempre atuais, aderimos esses novos padrões e comportamentos para que, nessa luta, não sejamos trocados.

Os padrões estéticos estabelecidos por Schopenhauer, nem sempre são sinônimos de uma boa saúde, em sua maioria, aquilo que o autor fala é puro senso comum. Existem pessoas com dentes que não são bonitos esteticamente, e que tem uma dentição saudável, existem

peças que tem pés grandes e que conseguem caminhar sem desenvolver problemas que interfiram em sua postura ereta, existem mulheres gordas com saúde e aptas a serem mães, existem pessoas que possam se atrair por pessoas esteticamente feias. Não existe um embasamento científico para as afirmações do filósofo, as pessoas têm particularidades genéticas e essas particularidades não dependem de fatores estéticos.

Outro ponto que vale destacar é que, devido a esse egoísmo nos relacionamentos amorosos, podemos causar mal não só a nós mesmos como também ao outro. Temos como exemplo os crimes passionais, crime classificado por ser aquele crime movido por sentimentos de violenta paixão. Onde o indivíduo, movido por esse sentimento, tira do outro aquilo que lhe é mais precioso, a vida. Em uma pesquisa da revista Atlas, realizada em São Paulo, entre 2007 e 2017, revela que as mulheres são minoria nos homicídios, porém a pesquisa revelou que elas estão mais vulneráveis dentro do seu lar. Em 2022, a taxa de feminicídio no Brasil foi a maior registrada em um período de seis meses. Segundo dados do Fórum Brasileiro de segurança pública, essa taxa de feminicídio no Brasil chegou ao índice de 699 assassinatos de mulheres no primeiro semestre de 2022. E a maioria desses crimes são é passional. Assim como as mulheres, os homens são vítimas de crimes passionais, porém, esses casos com homens são bem menores e muitas das vezes, eles são pressionados a não denunciarem, pelo estigma social e por medo de “ferir a sua masculinidade”. Suicídios relacionados a casos amorosos e crimes sexuais, também são frutos desse egoísmo. Todos esses casos estão relacionados ao egoísmo do indivíduo, que, por sentimento de posse, não deseja desapegar-se dessa relação, ao ponto de privar o outro de sua liberdade de escolha, ou de bem-estar na relação, é justamente por esse egoísmo que tais crimes e situações ocorrem.

7 CONCLUSÃO

De maneira pontual, o filósofo Arthur Schopenhauer nos mostra que o amor sexual nada mais é do que a vontade de continuidade da própria espécie. Em um caso amoroso, os indivíduos envolvidos são enganados, acreditando que ali existirá a sua satisfação individual, onde os mesmos acreditam estar no controle, fazendo ali sua vontade, porém, o autor nos afirma que a natureza está no controle, com o intuito da preservação e manutenção da espécie. Ou seja, quando o casal se apaixona, ali já prevalece a vontade de um novo indivíduo que ainda vai nascer.

Assim, o fato de cada "João" buscar a sua "Maria", se resume ao interesse de continuidade da espécie. Desse modo, olhando por essa finalidade da natureza, Schopenhauer nos compara com animais, pois assim como eles se esforçam para formarem sua prole, assim somos nós. Tendemos a procurar o melhor para a espécie, um melhor que se complementa com algumas características do outro. É por isso que os indivíduos quase sempre buscam no outro características opostas: a mulher alta busca o homem baixo, e a mulher baixa busca o homem alto, a pele clara busca a pele morena, e a pele morena busca a pele clara.

Dessa forma, o indivíduo sempre procura um parceiro sexual adequado na perspectiva schopenhaueriana para a gestação de uma melhor prole. Para o filósofo, a forma mais verdadeira e pura do amor se encontra na compaixão. É justamente nela que o indivíduo busca o amor desinteressado, anulando o egoísmo e se colocando no lugar do outro. A compaixão é primordial para a libertação da vontade extremamente necessária para se chegar à ascensão.

Schopenhauer nos fala do termo indestrutibilidade de vida, termo que se confere na necessidade imposta pela natureza ao homem, a de viver e se perpetuar na próxima geração. Esse termo está relacionado à ideia de continuação com a geração vindoura. Assim, o ser do homem reside mais na espécie do que em si e, em nome da espécie, o homem pode arriscar tudo o que ele tem, pois, a espécie está mais próxima dele do que o indivíduo.

A ideia que o autor traz a respeito da libertação desse processo imposto pela natureza está na negação dessa Vontade de vida. Para que isso ocorra, devemos mergulhar naquilo que ele compara com o nirvana budista, onde a nossa vontade individual se desprende do tronco davontade da espécie e renúncia sua existência nela.

Faz parte da ascese essa libertação, abdicar de satisfazer as “necessidades infindas”. Schopenhauer considera traidores aqueles que afirmam essa Vontade de vida, pois eles teriam intenção de perpetuarem as mazelas e misérias que esse ciclo nos trouxe. Para o autor, se os amantes não cedessem a essa vontade, todo esse sofrimento teria um fim, porém, eles preferem afirmar essa vontade assim como fizeram os nossos antepassados, para assim garantir a indestrutibilidade da espécie.

REFERÊNCIAS

ACAYABA, Cíntia. Femicídios batem recorde no 1º semestre de 2022 no Brasil quando repasse ao combate à violência contra a mulher foi o mais baixo. **G1**, São Paulo, 07 de dezembro de 2022. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/12/07/femicidios-batem-recorde-no-1o-semester-de-2022-no-brasil-quando-repasse-ao-combate-a-violencia-contr-a-mulher-foi-o-mais-baixo.ghtml>

CALDERÓN DE LA BARCA, Pedro. **La Gran Cenobia**. Madrid: Ayuntamiento; Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2013.

CERIONI, Clara. Mulheres são minoria nos homicídios, mas estão mais vulneráveis em casa. **Exame**, 8 de junho de 2019. Disponível em: <https://exame.com/brasil/mulheres-sao-minoria-nos-homicidios-mas-estao-mais-vulneraveis-em-casa/>

IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Média de filhos por mulher em 2020**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga**. Tradução: Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1993. 2 ed.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do amor, metafísica da morte**. Tradução: Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ana Leite Soares da Silva e Ronaldo Almeida da Silva, pela criação e estímulo aos estudos, a minha namorada e companheira Vitória Reniclecia Costa Santos, por todo carinho, amor e por acreditar no meu potencial.

Agradeço aos amigos e primos: Prof. M. Sc. Maria da Conceição Gonçalves Pereira de Araújo, Prof. Dr. Egberto Araújo, Paulo de Almeida Pinto, Maria Aparecida Lacerda de Almeida Pinto, ao Historiador George Almeida Gomes de Araújo Soares.

Aos amigos Edmar José Sampaio Leite e Tiago Araújo. Agradeço em especial ao grande amigo Dr. Antônio Pereira de Almeida Filho *in memoriam* ex-procurador de Justiça, que foi o maior incentivador para que eu optasse pelo curso de filosofia e minha orientadora Prof. Dra. Gilmara Coutinho Pereira, por toda sua contribuição para esse trabalho.